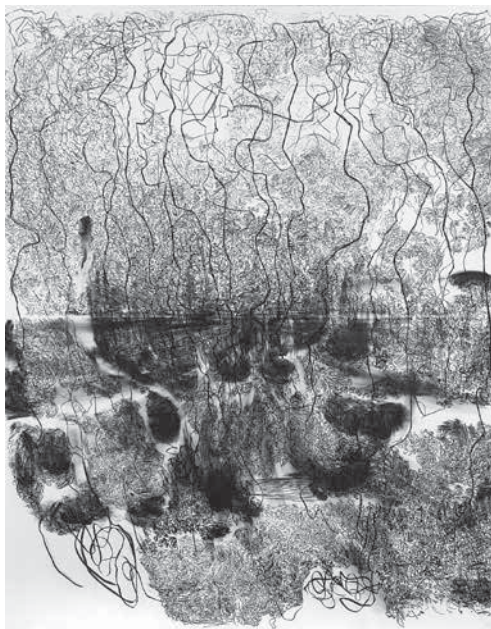




Bruno Salésio da Silva Francisco*

Supervisão: entre memórias e vivências

Glossário

Inicialmente, lembro palavras que expressam, nas suas diferenças, aspectos em que uma não contempla a outra, ao se referirem à prática dos psicanalistas de falarem regularmente com colegas sobre um caso difícil. O termo *Kontrollanalyse* foi empregado por Freud em 1919. A instituição psicanalítica adotou então um controle: para ser membro é necessário supervisão. A prática da supervisão vem se expandindo em direção ao aprofundamento de estudos sobre contratransferência e sobre análise didática (Mijolla, 2002/2005; Roudinesco & Plon, 1997/1998).

O termo *supervisão* passou a ser usado pelos analistas anglófonos. Há a expectativa de o aluno-psicanalista aperfeiçoar e aprofundar seu conhecimento do método e da teoria psicanalítica, bem como a de se fazer admitir por uma comunidade de psicanalistas.

Escuta assistida é um termo que contempla supervisão como resistência à análise, como patologia do mestre, equívocos da oferta e da demanda, rivalidade inconsciente entre supervisor e supervisionado.

Relação interanalítica tem sua ênfase na situação em que dois profissionais trocam suas experiências clínicas, suas descobertas e suas andanças. Aqui, a verticalidade e a hierarquia não são relevantes.

Campo supervisorio (Volmer Filho & Pires, 2012) é um termo dinâmico que inclui as ideias de campo e de baluarte, como entendimento ou resolução de impasses contratransferenciais.

A criança é psicologicamente o pai do adulto¹

No pensamento clínico, a temporalidade costuma ser expressa através de metáforas, como a do título deste parágrafo, pois nem sempre encontramos palavras que expressem a pregnância de um sentido. O antes e o depois se articulam de forma retroalimentadora, subvertendo a sequência linear. Característica do Inconsciente na clínica, onde temos palavras como antigos conteúdos apresentados sob formas verbais (Freud, como citado em Botella, 2015).

Proponho pensar como a supervisão poderia e pode ter contribuído para o desenvolvimento da psicanálise. Breuer (com 41 anos!), numa tórrida sexta-feira, 13 de julho de 1883, após ter ceado “em mangas de camisa” (Mijolla, como citado em Stein, 1989/1992, p. 113), confiou a Sigmund Freud (com 27 anos!) o “caso muito curioso” de Bertha Pappenheim, cujo tratamento não corria a seu favor.

O que Breuer esperava da escuta de um profissional iniciante, de seu julgamento e de sua compreensão? Breuer buscava alívio para seu sofrimento inconsciente de natureza sexual, que lhe causava não entendimento e angústia. Sentimentos contratransferenciais. Bertha transferia seus sentimentos neuróticos para Breuer e esperava dele uma receptividade. Bertha manifestava assim o desejo de encontrar/reencontrar alguém com quem pudesse contar. Buscava o amor de Breuer porque “captou” que seria recebida e entendida por ele. Isso assustou Breuer e certamente decepcionou Bertha. A contratransferência de Breuer o impediu de entender a demanda de Bertha. Ao compartilhar com Freud (“supervisão original”), Breuer ocupou o lugar de quem buscava compreensão e entendimento para sua reação inconsciente: um amor análogo (transferencial) ao que Bertha buscou nele. Como Freud recebeu a demanda de Breuer?

Em *A história do movimento psicanalítico* (Freud, 1914/1974a), Freud relata como a escuta à demanda sobre o sexual, “resistido” por Breuer, tornou-se um seminal desdobramento teórico-clínico, nos anos seguintes de sua vida.

A supervisão/compartilhamento reafirmou em Freud suas hipóteses sexuais. Essa razão e outras também resultaram no desenvolvimento da psicanálise do Freud de então. Uma curiosa situação em que *a supervisão foi historicamente mãe da psicanálise*. A pessoa/objeto do transferido acredita que, ao receber o transferido, está sendo importante e amado por quem lhe transferiu. Se a pessoa/objeto da transferência não pode ocupar o lugar de suportar ser amado, causará um impasse no movimento de quem transferiu. Eis a contratransferência (Grinberg, 1975, pp. 15-37).

Resultados análogos ao que ocorreu entre Freud/“supervisionado” e Fliess/“supervisor”, na relação de Freud/supervisor com Jung/supervisionado, sobre a história da paciente Sabina Spielrein², são comuns nas supervisões. Foi quando Freud reconheceu sua *narrow scape* (fuga apertada), de seus envolvimento contratransferenciais e da *blessing in disguise* (uma bênção disfarçada), para referir-se ao “provimento da pele dura que nos é necessária” na contratransferência (Mijolla, como citado em Stein, 1989/1992, p. 118).

A escopofilia entre mestre e aluno

O impulso escopofílico se divide em dois pares: olhar e exhibir-se (Freud, 1915/1974b). A passagem da atividade para a passividade introduz um novo sujeito diante do qual a pessoa se exhibe buscando ser olhada. Inicialmente autoerótica (formação narcísica), a escopofilia vai deixando o narcisismo para trás.

Na passividade, aferra-se ao objeto narcísta. Mestre e aluno (Stein, 1989/1992) vivem esse par. Mestre Freud e aluno Breuer? Mestre Breuer e aluno Freud? Entre Freud e Fliess teria havido uma ambição de se tornarem mestres? A relação de supervisão é afetiva e intensa (Francisco, 1994).

Na supervisão de suas experiências clínicas, suas descobertas e suas andanças, o aluno quer ser olhado, bem visto (Mabilde, 1991), pelo mestre/outro, e o mestre crê que sua visão é admirável para o aluno: um mestre idealizado pelo aluno (ativamente) e um mestre que precisa aceitar a condição de ser olhado pelo seu valor. O mestre vai receber o olhar idealizado (“ser um novo objeto”) do aluno e se admitir admirável (narcísica) consoante sua equação pessoal. Como olhar um paciente que se torna um caso tão interessante que leva seu analista/aluno a apresentá-lo a um mestre? Que prestígios (ser olhado) estão em jogo?

A “dose” de supervisão é um trabalho entre idealização e admirabilidade, em porções variáveis: mais autoerótica ou mais objetal. Envolve posicionar-se entre o que está sendo idealizado e o que serve para reforçar a necessidade de ser

* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, Sociedade Psicanalítica de Pelotas.

1. Freud, como citado em Botella (2015).

2. “Um fragmento de vida de um terapeuta no vínculo psicoafetivo com uma paciente” (Mijolla, como citado em Stein, 1989/1992, p. 117).

olhado, por ambos os componentes do campo. Impossível sem afetividade intensa e envolvimento. Quatro instâncias estão sempre presentes: paciente, aluno-analista, supervisor, comunidade de psicanalistas implicada. Em cada instância, está a necessidade de olhar/avaliar e de ser olhado (levado em conta).

Campo complexo. A exibição do mestre pode perpetuar o mito do “melhor analisado em profundidade”, como ocorreu nos psicanalistas da segunda geração, depois de Freud (Mijolla, como citado em Stein, 1989/1992, p. 123). Essa transferência negativa da segunda geração surgiria porque a maioria da primeira não havia conhecido o tratamento analítico? Essa ocorrência continua presente na “transgeracionalidade dos psicanalistas”.

Nossas instituições têm fundadores, primeira geração, segunda geração etc. Bisneto de Freud, filho de Melanie Klein, adotivo de Bion (que se recusava a supervisionar!) se dividem entre supervisões mais profundas e de “mais análise”. Olhar e ser olhado gera uma lista de supervisores que: exigem material por escrito; são muito silenciosos; são muito diretivos; mantêm por muito tempo seus supervisionados; soterram seus supervisionados numa ortodoxia ultrapassada.

Num “campo supervisorio” há transferência do paciente sobre o candidato, do candidato sobre o supervisor (Fink, 2007/2009), sem que se estabeleça a neurose de transferência. É a poderosa necessidade psíquica de transferir. Não se envolver é risco de se tornar um simples professor beneficiário de uma delegação de poder.

Inerente à relação supervisionado/supervisor acontecem todas as dinâmicas da identificação: identificações conscientes, inconscientes e encobridoras; mimetismo (psitacício) e não resolução de conflitos de identificação; sensibilidade identificatória pessoal, cujo manejo consciente e vibração inconsciente produzem um exercício da psicanálise. As tendências identificatórias podem coagular em sua atividade, ao aderir a um modelo único.

Memórias e vivências

A *memória*, consoante a teoria freudiana, dentro do representável, constrói uma teoria para a análise de controle. Esta pode submeter-se a

uma compulsão à repetição institucional que *coloniza, aliena e desorganiza* o sujeito (Minerbo, 2013, p. 81). A *vivência* é uma memória sem lembrança e abre a possibilidade de criar uma inscrição não repetitiva, o resgate de um registro (Botella, 2015).

O Freud da “supervisão original” não tinha a memória da teoria psicanalítica (ainda não escrita), mas tinha suas vivências sexuais conscientes e inconscientes, potenciais criadoras de resgate de um registro. Exemplo de como evitar o risco de a análise de controle tornar-se o controle repetitivo da análise.

Referências

- Botella, S. (2015). A memória do sonho: um conflito epistêmico na teoria freudiana. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(2).
- Fink, K. (2009). Supervisão, transferência e contratransferência. In R. Blass & Z. Carmel (Eds.), *A repetição entre recordação e destino. Livro anual de psicanálise XXIII*. (Trabalho original publicado em 2007)
- Francisco, B. S. da S. (1994). *Algumas funções da supervisão psicanalítica*. Trabalho apresentado na Jornada da Costa Atlântico-Sul de Psicanálise, Pelotas.
- Freud, S. (1974a). *A história do movimento psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1974b). *O instinto e suas vicissitudes*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Grinberg, L. (1975). *A supervisão psicanalítica. Teoria e prática*. Rio de Janeiro: Imago.
- Mabilde, L. C. (1991). Supervisão do narcisismo ou narcisismo da supervisão. In L. C. Mabilde (Ed.), *Supervisão em psiquiatria e em psicoterapia analítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Mijolla, A. de (2005). *Dicionário internacional da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 2002)
- Minerbo, M. (2013). O pensamento clínico contemporâneo. Algumas ideias de René Roussillon. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47(2).
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1997)
- Stein, C. (Ed.). (1992). *A supervisão na psicanálise*. São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1989)
- Volmer Filho, G., & Pires, A. C. J. (2012). Distúrbios benignos e disruptivos do campo supervisorio. In A. Garella (Ed.), *Psicossomática, final de análise, psicoterapia e outros estudos. Livro anual de psicanálise XXVI*. São Paulo: Escuta.